

## O que fazer diante de mordidas, tapas e brigas na escola?

*O que aconteceu com o meu filho, que era um doce de pessoa, um bebê sorridente e amigável, e agora bate no gato, nos amigos da escola, morde todo mundo, chora, faz birra e diz que não gosta de mim... Onde eu errei? Por que isso aconteceu?*

É comum escutarmos relatos assim de alguns pais aqui na escola. Sabemos que o comportamento de bater e morder ocorrem por milhões de possibilidades, mas quase todas elas têm um aspecto em comum: a comunicação imatura e a falta de recursos para lidar com a situação.

Toda criança apresenta uma porção desses comportamentos que variam na intensidade, gênero, grau e alvo do ataque. Essa variação ocorre ao longo dos meses, dentro do mesmo dia, na mesma hora e às vezes dentro da mesma birra. A intenção deste texto é jogar uma luz sobre os motivos desses comportamentos, às vezes tão “gratuitas”, e propor sugestões pra amenizar a fase.

### Esses comportamentos são normais então?

Vamos responder a essa pergunta com um dado curioso. Quando pesquisamos, a literatura científica existente no mundo inteiro sobre agressividade em crianças, temos um padrão bem interessante: a agressividade só é pesquisada em dois momentos da vida de uma criança – na adolescência e na idade pré-escolar. Entre os 5 e os 16 anos de idade há um deserto na literatura científica. Não há estudos, relatos ou coisa semelhante a não ser por algumas contadas exceções que não mostram absolutamente nada conclusivo. Isto é, os dois momentos em que a agressividade infantil é clara e estudada coincidem com os dois momentos mais difíceis da infância e possivelmente da vida: a primeira infância e a adolescência. Assim, consideramos perfeitamente esperado os comportamentos indesejados: mordidas, tapas e brigas no universo infantil. Sempre teremos, dentro de um grupo, alguém que se destaca mais ou menos, apresentando tais atitudes.

### E por que é tão difícil a primeira infância?

Aquela pessoinha que mamava, arrotava e colocava objetos na boca não existe mais. No seu lugar apareceu um sujeito falante e cheio de vontades. Isso ocorreu tão rápido que os cuidadores mal tiveram tempo de se acostumar. A primeira infância marca o início da aculturação (isto pode, aqui não pode, comporte-se, obrigado), da percepção do futuro (daqui a pouco, amanhã, hoje não, cinco minutos), da extensão da comunidade (escola, amiguinhos, aniversários), de processos emocionais complexos (identificação de emoções próprias e alheias, autocontrole, autorregulação, controle de impulsos) e de alavancas comunicativas que maravilham a criança e provocam desespero no adulto.



## Uma nova fase

A comunicação na criança pequena é um trem desgovernado. Ela repete, cria palavras, troca significados, elabora e significa tudo com seu novo brinquedo favorito: a palavra. Do mesmo jeito que faz com outros brinquedos, quando não funciona ou cansou de brincar, bate nele, joga no chão ou começa a chorar. O corpinho miúdo não consegue segurar essa vazão. Extrapola, vaza. As possibilidades são infinitas e o tempo e o recurso são limitadíssimos.

A criança se comunica de formas não convencionais. Uma hora pede, outra hora grita. Uma hora chora, outra hora suplica. Uma hora bate e na outra arranha. Às vezes faz tudo isso em questão de um minuto. O adulto, na sua rigidez social, se vê agredido, violentado e injustiçado. Rotula a criança, a chama de agressiva, antissocial, e todos choram!

A questão que precisamos entender é que a criança se comunica assim porque não tem outra maneira. Sua busca pela excelência comunicativa é longa e, em ocasiões, invade a idade adulta e até a velhice. Só existe uma comunicação certa pra ela: aquela que dá resultado. Para que trocar um belo chique por uma série de comandos difíceis de lembrar, como por favor e obrigado? Para a criança pequena, é bem mais simples dar um berro que tentar uma comunicação assertiva. Logo, a comunicação é extremamente inapropriada, mas altamente eficiente. Quebrar esse círculo dói, é complicado e requer doses cavalares de paciência, tolerância e persistência...

### **Por que a criança bate? Por que morde? Por que diz que não gosta de mim?**

Talvez o menino seja mais agressivo que a menina porque bater com espadas de brinquedo e atirar com pistolas de borracha seja mais fácil do que bater com panelinhas cor de rosa. Meninos são bombardeados por heróis fortes e agressivos. As meninas são expostas a princesas ineptas e incapazes.

A criança não bate, não morde e nem xinga pensando no dano que provoca. O cérebro da criança simplesmente não é capaz de tamanha elaboração. Para magoar alguém com intenção, com maldade, precisamos primeiro entender bem onde machuca, nos colocarmos na pele do outro para provocar esse efeito. A criança, no seu egocentrismo, é incapaz disso. Pode até se mostrar desafiadora e particularmente provocadora, mas está longe de ter o intuito de machucar com premeditação. Isso seria violência, não agressividade.

A criança bate, morde e xinga porque acabou seu repertório de comunicação, porque está cansada demais pra compor uma frase nessa nova língua que nem domina, porque está frustrada com o fato de você não entende-la, porque está tão excitada que nem lembra que sabe falar. A criança bate porque a rotina ameaça mudar de repente, sem aviso prévio, sem tempo de preparação. Porque a brincadeira está legal, porque faria qualquer coisa para brincar mais um pouco antes de ir comer.

A agressividade na criança é meramente instrumental. Ela obedece a uma função, 99% das vezes, uma função comunicativa. Quando as crianças atingem os 6 anos de idade, em que têm um repertório 20 vezes maior do que tinham aos 3 anos com apenas o



dobro da idade, essa agressividade instrumental desaparece (o comportamento agressivo nessa idade será mais um elemento pontual da personalidade de cada criança, não mais uma ferramenta para se fazer entender).

## O que fazer então?

A jornada é curta e intensa. O córtex frontal da criança vai amadurecendo, controlando impulsos de forma cada vez mais apropriada, se regulando. A imitação vai agindo, gritos ou respostas adequadas vão sendo aos poucos interiorizadas e repetidas. Como na adolescência, na primeira infância a conversa e a presença fazem a diferença para a criança não se perder nos seus dilemas. Cada birra é uma oportunidade, cada mordida é uma lição a ser ensinada.

Parece que nunca vai terminar, mas, assim como começou do nada, do nada vai acabar. É uma fase eternamente curta.

O comportamento agressivo vai passar... Mas a mensagem que nós deixamos para nossos filhos sobre como lidamos com a situação adversa, com o diálogo truncado e com nossa própria frustração vai ficar.

## Dicas práticas

Dez dicas, dentre outras mil possibilidades, que podem ajudar as famílias a lidarem com essa fase:

1 – Ensine a criança que bater é errado. Em qualquer circunstância. A gente não bate, a gente conversa. Se a criança bater, se afaste um passo ou dois, reitere sua vontade de conversar, mas que só vai reiniciar a conversa se ela não bater de novo. Mostre o efeito que ela causa, nela e nos outros.

2 – Não bata de volta. Não puxe, não arraste, não belisque... Seja o adulto da relação.

3 – Use a negociação controlada, ofereça duas alternativas sempre: você pode desenhar um tubarão e uma tartaruga e ir tomar banho ou pode desenhar cinco peixinhos e depois tomar banho. As alternativas sempre são suas, mas permita que a criança tenha a liberdade de negociar.

4 – Na troca de atividades, dê um aviso prévio, no mínimo. Se possível, dê quatro avisos prévios. Daqui a quatro minutos vamos jantar, daqui três minutos vamos jantar, daqui a dois minutos vamos jantar, agora vamos jantar!

5 – Não rotule a criança: hoje você está impossível. Substitua por: hoje te sinto mais cansada, você está cansada?



6 – Aproveite toda oportunidade para identificar emoções. “Acho que você está assim porque ficou frustrada. É isso? Está frustrada por que eu não deixei você pegar ...? Eu imagino que esteja frustrada, mas aqui está escrito, criança pequena não pode pegar.” Valide os sentimentos, seja empático e depois proponha outras atividades (quando sentir que a criança entendeu)

7 – Não há necessidade de levantar a voz. Mas um tom de voz firme e gentil ajuda muito.

8 – Seja consistente.

9 – Observe seu próprio comportamento: você é o modelo.

10 – Esqueça um pouco o celular e o trabalho. Você está criando uma pessoa, na idade mais sensível, na idade mais delicada. Leve isso em consideração, é um trabalho delicado e precisa de concentração, calma e paciência. Quando essas coisas acabarem, ative mais alguém, dê uma volta, beba água ou faça exercício e volte renovado. Não há nada de errado em sair de cena um pouco, delegar uma ou duas atividades na mão de algum outro cuidador e recuperar a energia. Isso é autocuidado!

Em algumas ocasiões, a criança precisa de um tempo a sós. Às vezes, a melhor intervenção é a não intervenção. Permita-se e permita-lhe um respiro.

O amor e o ódio são sentimentos experimentados desde muito cedo e nós, ao longo de nossas vidas, precisamos aprender a lidar com eles, são aprendizagens que iniciam na infância e devem ser mediadas pelos adultos.

É fundamental entendermos que amar e odiar não passam pelo crivo do certo e errado, pois são da ordem dos sentimentos e estes são incontroláveis, apenas é possível controlar o que fazemos a partir do que sentimos – e as crianças ainda não sabem fazer isto. É papel dos pais e da escola ajudar a criança a se organizar diante do que sente e, assim, as mordidas, os empurrões, os tapas e tudo que anda junto com isto fazem parte do processo e são um bom começo para a criança começar a lidar com a sua raiva e agressividade.

As crianças pequenas possuem um vocabulário primitivo e pouca habilidade para articular as palavras e descrever o que sentem, por esta razão, tendem a usar o corpo como primeiro recurso na hora de resolver conflitos. Portanto, é normal que briguem ou mordam outras crianças quando querem resolver alguma coisa.

Porém, o fato de ser normal que isto aconteça não significa que deva ser permitido, pelo contrário, estas atitudes devem ser tratadas, ao mesmo tempo em que se deve oferecer alternativas de resolução. Foco na solução!

Este é outro ponto importante para compreendermos. A criança não consegue compreender que o que sente é o mesmo que o outro sente ou colocar-se no lugar do outro. Isto é uma habilidade que conquistamos à medida que nos relacionamos. Então, revidar não é uma forma de ensinar, pois a criança não entenderá que a dor que ela sente é a mesma que o outro sente. Ela não aprenderá nada, apenas se sentirá humilhada ou ficará com raiva, sem alternativas mais maduras para lidar com o que sente e, além do mais, agindo como ela, estaremos validando a atitude de agredir diante do que nos contraria.



No início da vida o mundo passa pela boca. É através dela que o bebê se alimenta e cura o desconforto interno da fome e também é por ela que ele explora todos os objetos e seu próprio corpo e isto não é novidade para nenhuma de nós, não é mesmo? Tudo que cai nas mãos dos bebês vai à boca!

Agora, deve ficar mais fácil compreender porque a mordida que nos deixa tão condoídas ou envergonhadas, dependendo de que lado dos dentes estamos, é um recurso tão comum nos Grupos 1 e 2 (ela costuma acontecer entre crianças de 1 e 3 anos).

A mordida é uma forma da criança expressar que não gostou de alguma coisa, mas também pode ser vista como manifestação de amor e, aliás, esta não é uma exclusividade das crianças. Afinal, quem não sente vontade de morder um bebê fofinho quando ele nos desperta um amor que não cabe em nós? (Observação importante: Acredito que cheguei em mais uma reflexão delicada, morder os bebês, por mais irresistível que seja é um desejo que deve ser controlado, pois ao darmos mordidinhas de amor, ensinamos ao bebê uma forma de relacionar-se e ele poderá utilizá-la em suas relações futuras, porém com pouca habilidade e de controlar a força de seu amor deixará marcas no corpo dos coleguinhas).

Uma criança que morde precisa ser advertida, mas de forma amorosa. Nunca podemos esquecer que ela está aprendendo e mordeu por não saber fazer de outra forma. Quando a mordida se repete, a criança pode estar tentando compreender as repercussões deste ato ou, ainda, pode estar pedindo ajuda para lidar com sentimentos que estão sendo demais para ela.

Morder eventualmente é esperado, porém, situações em que a mordida se repete de forma muito intensa merecem atenção, pois mostram um transbordamento afetivo e pode ser sintoma de que algo não vai bem com a criança e que ela precisa de nossa ajuda. Cabe avaliar cada caso e a melhor condução do mesmo.

Tudo o que escrevi acerca da mordida serve para os beliscões, empurrões e tapas, que são as formas mais comuns de brigas entre crianças. Essas atitudes representam o uso do corpo para dar vazão ao que se sente e não encontra-se palavras para expressar. São os recursos que estão mais ao alcance das crianças diante de um brinquedo arrancado de sua mão, ou um brinquedo desejado na mão do amigo, ou para desocupar o lugar de seu desejo e por aí afora.

A escola, por ser um local que abriga um grande número de crianças na mesma faixa etária, é um universo fértil para este tipo de acontecimento, e um excelente laboratório para vivenciar os conflitos nas relações. Por vezes, os casos se repetem e causam angústia em todos os adultos envolvidos, muito mais que nas crianças, que, salvo situações particulares, seguem brincando em pouco tempo, sem maiores mágoas, a menos que os pais, suas maiores referências para compreender o mundo, reajam de forma negativa. Portanto, os pais devem estar atentos para facilitar a administração destes conflitos e buscar ajuda da escola se não souberem como fazer. Ao falar perto da sua criança que o amiguinho é terrível ou que é teimoso ou que é mal educado, o que você está ensinando sobre relacionamento? Como você quer que seu filho seja tratado no grupo quando apresentar algum comportamento inadequado?



Nestes momentos, a confiança na escola exerce um papel decisivo. Quando acreditamos nos profissionais que estão com nossos filhos, saberemos que as situações que ocorreram foram mediadas e nossos filhos foram acolhidos em suas dores, seja por ter machucado o amigo ou por ter sido agredido por ele.

A orientação para a criança que vem sendo mordida ou agredida deve ser buscar ajuda de um adulto, externar descontentamento e dor para com o amigo e também defender-se, porém, defender-se é diferente de agredir. Colocar a mão na frente, sair de perto e buscar um adulto são formas de defesa.

Ensinar as crianças a usar as palavras no lugar do corpo é a nossa função de pais e educadores e é também algo que elas levarão para a vida toda. A palavra marca a inserção do homem na cultura e nos diferencia dos animais, é ela que nos torna civilizados e é ela que devemos oferecer a nossos filhos para resolver seus conflitos. É a palavra também que devemos recorrer para ensinar aos nossos filhos, ou seja, nós também não temos o direito de agredi-los quando as palavras nos faltam, mas isto é tema para outro dia e voltaremos a falar sobre ele

Não deixe que coisas simples de uma criança, tomem uma proporção maior do que realmente são, ou que antecipem problemas que nem existem. E mesmo que existam, que eles não sejam uma barreira, pois a vida oferece muitas chances, mesmo diante das maiores adversidades.

Vale pensar como podemos fazer diferente. Ensinar diferente. Para colher diferente.

O mundo está difícil, eu sei. Mas nós temos nas mãos o principal para muda-lo: nossos filhos!

Vamos criar pessoas de bem, para um mundo melhor!

Claudia Prados

Diretora Pedagógica



**• mundo  
Ciranda**  
Educação Infantil

Av. Saturnino Rangel Mauro, 492, Jd. da Penha,  
Vitória/ES, CEP.: 29060-770 - Tel.: 27 3345-9000

[www.mundociranda.com.br](http://www.mundociranda.com.br)